

Dedicado a ti, Plendor, eterno amigo de alma inquieta,
e ao solitário Michel, condenado à vigília perpétua.

O Observador

por Ben Afkhael

Nem todos os que caminham entre nós são feitos de carne que deseja, de alma que sonha ou de coração que sofre. Em minha longa jornada pelos campos de Uriath, conheci muitas criaturas estranhas — homens, elfos, sombras e espíritos — mas nenhuma mais silenciosa e constante do que Michel, a quem passo agora a chamar de O Observador.

Diz-se que Michel nasceu sem tempo, sem fome e sem sono. Vagante entre os povos, jamais foi tocado pelo prazer de um banquete ou pelo alívio do descanso. Seu único fado: observar.

Ao contrário de nós, filhos do livre-arbítrio e da escolha, Michel apenas contempla. É a pena que jamais escreve, os olhos que jamais fecham.

Convido-te, leitor, a caminhar ao meu lado. Hoje, seguiremos os passos deste ser, testemunhando algumas das imagens que sua existência eternamente contempla.

O céu está carregado, como se os deuses pesassem sobre si alguma tristeza. Ainda assim, o dia será longo. Vem.

I. A Criança

Mal havíamos deixado a trilha principal da vila de Tarnador, e Michel já havia detido os passos. À margem da estrada, entre as barracas do mercado, seus olhos se fixaram sobre uma pequena criança — loira, trêmula, perdida como folha solta ao vento. Seu vestido leve estava sujo de poeira, e seus olhos buscavam, entre rostos apressados, um olhar que a reconhecesse.

Outrora, talvez alguém parasse. Hoje, as gentes passam rápidas, cada qual presa em seu mundo.

Mas eis que um homem se aproxima. Sorri. Ajoelha-se diante da menina e lhe fala com voz mansa — ao menos assim parece, pois Michel não ouve, apenas vê.

Contudo, há algo em sua expressão que inquieta o Observador.

O homem olha para os lados... E num gesto súbito, toma a criança nos braços e parte.

Lá adiante, uma mulher corre entre a multidão, os cabelos em desalinho, o rosto em desespero.

Ela não encontrará a filha.

E Michel continua a andar.

II. Sangue nos Pés

Descemos por vielas mais escuras, onde os telhados escondem o sol e a miséria fala em sussurros.

Uma casa. Gritos, ainda que inaudíveis para Michel, ressoam no coração de quem ouve com a alma.

Há sombras atrás da cortina fina. A figura de um homem que ergue a mão contra alguém.

A porta está entreaberta, e Michel entra. Nós o seguimos.

Ali está Lucas, um menino de talvez oito invernos. Está paralisado à soleira da cozinha, os olhos arregalados, os pés descalços... banhados de sangue.

À frente dele jaz o corpo de um homem.

Sobre ele, uma mulher segura uma faca.

Era sua esposa. Ambos, esmagados pela vida — ele pelas horas exaustivas, ela pela solidão insuportável.

Ela grita, alegando que não é louca. Um bom advogado diria que sim, que precisa de ajuda.

E o menino... jamais se libertará da visão daqueles pés ensanguentados.

Michel não se comove. Ele já viu tanto.

III. Mão Amiga

A tarde cai. O vento sopra frio e a chuva começa a cair como lamento dos céus.

Michel não se cobre, não se abriga. Apenas observa.

Nas ruas, os homens correm, esbarram-se, empurram-se — ninguém pede desculpas.

Num desses empurrões, Michel é lançado ao chão.

Mas ele não se levanta.

Não por fraqueza, mas por sua natureza: ele espera.

Do beco à direita, surge um homem de aparência maltratada — roupas rasgadas, olhos fundos, cheiro de abandono.

Ninguém o espera. Ninguém o saúda. Mas ele se aproxima e estende a mão a Michel.

Poucos gestos foram tão belos.

Entretanto, outros homens surgem. Estão irritados. Eles não querem que aquele homem ajude, que pertença, que exista.

Caem sobre ele com fúria. E ninguém os detém.

É apenas um mendigo.

Michel assiste. Nada faz.

Não por omissão, mas porque não pode. Ele não tem esse direito. Ele é só... o Observador.

A noite cai enfim, e o mundo escurece.

Deixo-te agora, Plendor, antes que a escuridão traga cenas ainda piores.

Que os deuses te guardem do destino de Michel,

pois não há maldição maior do que ver tudo... e jamais poder agir.